

ESTUDO DE PEÇAS LÍTICAS LASCADAS DE UM GRUPO CERAMISTA PRÉ-HISTÓRICO. Juliana Aparecida Rocha Luz, Neide Barrocá Faccio. – Arqueologia – Geografia - Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus de Presidente Pudente.

Os cidadãos das diversas regiões e a sociedade brasileira em geral desejam entender as populações indígenas e seu patrimônio colonial (SCHMITZ, 2003, p. 262). Segundo esse autor, as pessoas desejam conhecer a história do povoamento milenar, do território, para com isso compreender o comportamento e a evolução da espécie humana.

Os primeiros estudos arqueológicos realizados no Brasil foram empreendidos por profissionais estrangeiros. Entre 1830 e 1840 foram realizadas as primeiras escavações em grutas da região de Lagoa Santa (MG), por Peter Lund.

Segundo Prous (1992), ainda é pequena a quantidade de bibliografia relacionada à Arqueologia do Brasil. Esta bibliografia foi inicialmente elaborada por cronistas e viajantes. Com a chegada da corte portuguesa no nosso país um estudo mais diversificado é realizado pelos naturalistas que foram apaixonados pelos indígenas e pela pré-história brasileira. Os naturalistas eram estrangeiros que, apesar de não realizarem estudos arqueológicos, propriamente ditos, mencionavam e descreviam os objetos encontrados.

O fato de muitos sítios serem estudados por amadores despertou a atenção de algumas personalidades preocupadas com a falta de preparo de alguns deles e a provável destruição do material. Em decorrência disso, segundo Prous, de 1950 a 1965, iniciou-se, no Brasil, a profissionalização local, com o treinamento realizado por profissionais estrangeiros.

Em 26 de julho de 1961, surgem as Leis Federais de Proteção ao Monumento e Patrimônio Histórico e Pré-Histórico. “A legislação federal proíbe escavações realizadas por pessoas não autorizadas pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para se evitar destruições, por parte de pessoas por vezes bem intencionadas, mas sem preparo profissional” (PROUS, 1992, p. 18). Atualmente, toda área de empreendimento que movimentar terra deve antes ser vistoriada por um arqueólogo. Essas novas providências difundiram o trabalho do arqueólogo e o resgate e conservação de grande número de material arqueológico.

Este trabalho está inserido no PROJPAR – Projeto Paranapanema. O PROJPAR é um programa de pesquisas arqueológicas que surgiu em 1968, no Museu Paulista da USP (Universidade de São Paulo), sob a coordenação da Professora Doutora Luciana Pallestrini. O projeto teve como objetivo estratégico o desenvolvimento de métodos e técnicas de campo para o estudo de sítios arqueológicos do interior paulista. Em 1987, o PROJPAR passa a ser coordenado pelo Professor Doutor José Luiz de Moraes. O novo coordenador ampliou o objetivo estratégico inicial para contemplar as ligações possíveis entre a arqueologia e as questões ambientais e paisagísticas.

Em 1990 com a finalidade de organizar a região de estudo e viabilizar as pesquisas, Moraes organiza a bacia do Paranapanema em três regiões de estudo: 1) Bacia Inferior; 2) Bacia Média e 3) Bacia Superior.

Nesta pesquisa analisamos peças da mancha de solo antropogênico 2 do Sítio Arqueológico Piracanjuba, localizado no Município de Piraju, Estado de São Paulo. A indústria lítica desse sítio foi analisada segundo a metodologia tecnológica de cadeia operatória. A realização de uma pesquisa, em fontes etnográficas, sobre os índios guarani ajudou a esclarecer aspectos da alimentação e utilização dos artefatos desses grupos.

A indústria lítica desse sítio foi analisada segundo a metodologia tecnológica de cadeia operatória. “Critérios tecnológicos de observação dos objetos arqueológicos não só permitem tratar problemas novos (na esfera das dinâmicas culturais), como possibilitam – o que talvez seja hoje mais importante – reconstituir os cenários históricos” (FOGAÇA, 2003, p. 159). Segundo Fogaça, a tipologia clássica deixa de privilegiar o objeto lítico como testemunho de um fenômeno tecnológico, associa de maneira imediata à forma a função do objeto, mas não ao seu funcionamento.

No âmbito da cadeia operatória, Dias e Hoeltz (1997), apresentam as etapas de ações do artesão (ao que dão o nome de contexto cultural) da seguinte forma: 1. aquisição de matéria-prima; 2. redução inicial ou preparação de núcleos; 3. modificação primária; 4. modificação secundária ou refinamento (retoque); 5. uso; 6. reciclagem para modificação ou manutenção de artefatos alterados pelo uso e 7. abandono do artefato.

Nesse trabalho, em que empreendemos um estudo sobre as peças líticas lascadas de grupos horticultores-ceramistas da denominada tradição tupiguarani, um resgate sobre o conceito de etnografia e sobre informações escritas dos índios Guarani se faz necessário e possível, uma vez que os Guarani foram a população que entraram em contato, com maior frequência, com os “brancos” de outros continentes, os quais descreveram aspectos de sua sociedade e cultura em período pré-histórico.

Schmitz e Gazzaneo (1991) de acordo com os registros de MONTTOYA expõem algumas particularidades sobre a alimentação dos Guarani pré-históricos. Estes índios encontravam as proteínas necessárias nas fontes vegetais e animais.

As proteínas vegetais, presentes na dieta dos Guarani, eram obtidas em diversos vegetais. Destacava-se na sua produção duas plantas, essencialmente, importantes: o milho e a mandioca.

As proteínas animais, segundo MONTTOYA, eram encontradas em diversos animais:

- Iça: formiga de grande abdômen, que costumava ser comida em certas áreas;
- Larvas: de inúmeras variedades, que se criam em diferentes madeiras, em palmeiras e na taquara;

- Peixes, anfíbios e répteis: a atenção do autor é voltada para o grande consumo de cobras;
- Moluscos e crustáceos de água doce e salgada;
- Aves: grandes como a ema, médias como os patos, as marrecas, as garças, os jaburus, os tahãs, os colhereiros, os urus, os jacus, as jacutingas, as aracuãs e os perdizes, ou menores como as pombas, os papagaios e uma infinidade de pássaros;

Noelli e Dias (1995) realizaram um estudo sobre a utilização de artefatos Guarani a partir das fontes lingüísticas e históricas. Nesse estudo os autores descreveram algumas funções que desempenhavam os artefatos líticos dos índios Guarani entre elas estava o ato de cortar.

Cortar estava relacionado a dividir ou partir pela metade alguma coisa. Os instrumentos de gume cortante designavam o ato de cortar por incisão ou esfregando. “Esta ação poderia ser executada por diversos tipos de *kyse ita* ‘pedra que corta’, indicando uso de lascas como instrumento de corte” (NOELLI e DIAS, 1995, p. 14).

O que foi apresentado sobre a alimentação e uso dos artefatos líticos lascados dos índios Guarani na pré-história ajuda a entender e completar os resultados da indústria lítica analisada do Sítio Arqueológico Piracanjuba. Essa análise apresentou um número considerável de peças com gume cortante com grande potencial para desempenhar a função de facas. O uso de facas, entre os Guarani é citado por alguns autores como Schmitz e Gazzaneo (1991) e Noelli e Dias (1995).

Dessa forma, podemos inferir que as peças do sítio Piracanjuba podem ter sido utilizadas para cortar vegetais frescos e as carnes dos animais descritos.

Os líticos de grupos horticultores-ceramistas, a princípio, podem parecer irrelevantes, instrumentos de um povo que não dominava a técnica de lascamento. No entanto, concluímos, graças à análise, a leitura de estudos sobre tecnologia lítica de grupos caçadores-coletores e horticultores-ceramistas e do auxílio das fontes escritas, que os líticos lascados desses povos eram os melhores, os mais eficientes para o tipo de alimentação que tinham.

A análise demonstrou que os habitantes do Sítio Piracanjuba produziram facas que em seu contexto econômico eram perfeitas para as necessidades desse grupo. Consideramos um erro descartar a análise aprofundada de líticos de grupos ceramistas só porque não são tão frequentes como a cerâmica e aparentemente tão elaborados quanto o lítico de grupos caçadores-coletores. Todo vestígio material é passível de estudo e deve ser analisado com a mesma atenção, pois pode revelar características importantes sobre o modo de vida dos homens pré-históricos.

Referências Bibliográficas

DIAS, A. S.;HOELTZ S. E. Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.21, n.25, p.21-62, mar. 1997.

FOGAÇA. O Estudo Arqueológico da Tecnologia Humana. In: **Revista Habitus**. Goiânia, IGPA/UCG v. 1, n.1, p.261-273 jan./jul.2003.

MONTOYA, A.R. **Tesoro y vocabulario de la lengua guarani**. Leipsig: J. Platzman, s.d.

MORAES. **Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista**. 1999. 239 f. Tese (Livre Docência em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnografia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

NOELLI, F.S.; DIAS,A. S. Complementos históricos ao estudo funcional da indústria lítica guarani. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, n.19 (22), p. 7-23, mar. 1995.

SCHMITZ, P. I. Arqueologia no Brasil. **Revista Habitus**. Goiânia, IGPA/UCG, v. 1, n.2, p.261-273jul./dez. 2003.

SCHMITZ, P. I.; GAZZANEO, M. O que comia o guarani pré-colonial. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA. **Revista de Arqueologia**. v. 6, p.90-107. 1991.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: 1992. 613 p.

Bolsa: FAPESP